

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/04/2015 a 30/04/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
BIODIESEL	4
JBS vai incorporar a empresa de biodiesel Biocamp. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015	4
ETANOL	4
Relação entre etanol e gasolina atinge 65,51% em SP, diz Fipe. Flavio Leonel – O Estado de São Paulo, Empresas e Negócios. 02/04/2015.....	4
Admissões no setor sucroalcooleiro de SP caem 25% em 2014 – Valor Econômico, Agronegócios. 06/04/2015	5
Usina obtém prêmio menor na venda de anidro. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015	6
Fitch rebaixa nota de crédito da sucroalcooleira Tonon Bioenergia. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015	7
Hidratado volta a recuar nas usinas em São Paulo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015	8
Produção de cana pode alcançar 654 milhões de toneladas – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 13/04/2015	9
Moagem de cana está mais acelerada no Centro-Sul do país. Fernando Lopes e Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/04/2015	9
Venda de etanol dispara em Minas Gerais. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 15/04/2015	10
Usinas do Oeste paulista apoiam projeto de terceirização – Valor Econômico, Agronegócios. 17/04/2015	11
Agência Fitch corta nota de crédito da sucroalcooleira Jalles Machado – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015	11
Fitch mantém rating de crédito da Biosev – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015.....	13
Guarani deve processar 20,5 milhões de t de cana em 15/16. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Empresas e Negócios. 26/04/2015.....	14
Gasolina com 27% de etanol não faz mal – O Estado de São Paulo, Jornal do Carro. 30/04/2015.....	14
POLÍTICA NACIONAL.....	15
BIODIESEL	15
Biodiesel poderá consumir metade da soja do país em 2022. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 24/04/2015	15

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....	17
ETANOL	17
IFC fortalece as apostas em agroindústrias brasileiras. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 06/04/2015	17
"Brasil ficou para trás no setor de biocombustíveis". Fernando Caulyt– Site da Revista Carta Capital, Economia. 12/04/2015	19
ADM assumirá usinas de milho em três países. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 21/04/2015	21
CHS amplia parceria para ser "grande" em etanol de milho. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015	22
Alta de preços do açúcar já supera 8% em abril em NY. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015	23

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

BIODIESEL

JBS vai incorporar a empresa de biodiesel Biocamp. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015

SÃO PAULO - A JBS pretende incorporar integralmente a empresa de biodiesel Biocamp, cujo capital já da JBS, após aprovação de seu conselho fiscal em Assembleia Geral Extraordinária. Ainda não há data para a reunião.

“Com a incorporação da Biocamp pela JBS haverá um processo de simplificação da estrutura societária do grupo econômico do qual fazem parte a JBS e a Biocamp e que a incorporação resultará, dentre outras vantagens, em simplificação operacional, maior eficiência administrativa entre as partes, com a consequente redução dos custos incidentes sobre operações entre as partes“, diz a JBS em documento enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A JBS também esclarece que a incorporação não acarretará aumento de capital social da JBS, “motivo pelo qual não se faz necessário estabelecer qualquer relação de substituição”.

ETANOL

Relação entre etanol e gasolina atinge 65,51% em SP, diz Fipe. Flavio Leonel – O Estado de São Paulo, Empresas e Negócios. 02/04/2015

Levantamento encaminhado nesta quinta-feira , 2, pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) ao Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, mostrou que a relação entre o preço médio do etanol e o valor médio da gasolina alcançou o nível médio de 65,51% em março na capital paulista. O número apurado no mês passado, que tomou como base o comportamento dos combustíveis no Índice de Preços ao Consumidor (IPC), ficou abaixo do observado em fevereiro, de 65,87%, e representou a menor marca para um mês de março desde 2009, quando ficou em 55,77%.

Na avaliação de especialistas, o uso do etanol deixa de ser vantajoso em relação à gasolina quando o preço do derivado da cana-de-açúcar representa mais de 70% do valor da gasolina. A vantagem é calculada considerando que o poder calorífico do etanol é de 70% do poder da gasolina.

O cenário retratado pela Fipe em março de 2015 mostrou que foi, portanto, vantajoso usar o etanol, detalhe que não havia sido verificado no terceiro mês de 2014, quando a relação ficou em 72,00%, e no mesmo período de 2013, quando ficou em 71,27%. Em março de 2012, a relação ficou em 69,53%. Nos mesmos períodos de 2011 e de 2010, as marcas foram de 78,10% e de 67,14%, respectivamente.

"A relação que estamos vendo entre etanol e gasolina é surreal, considerando o que vimos nos últimos anos", comentou o coordenador do IPC, André Chagas, em entrevista

ao Broadcast. "É atípico", avaliou, lembrando que o comportamento do etanol em queda, num período que ainda costuma concentrar efeitos da entressafra da cana-de-açúcar, não é muito comum.

Para Chagas, este comportamento do etanol pode ter ligação com necessidade de os produtores liberarem os estoques elevados do combustível no momento atual, como forma de preparação para aproveitar o período de safra que se aproxima para novos estoques.

Em março de 2015, com base na pesquisa do IPC, o valor médio do etanol teve comportamento diferente do verificado em fevereiro do mesmo ano. Apresentou queda de 0,28% ante avanço expressivo de 8,29% no segundo mês de 2015. O preço médio da gasolina, por sua vez, continuou em alta, mas de maneira bem menos significativa: passou de 8,68%, em fevereiro, para 0,46% no mês seguinte. No mesmo período, a taxa geral do IPC da Fipe passou de 1,22%, no segundo mês de 2015, para 0,70% em março.

Admissões no setor sucroalcooleiro de SP caem 25% em 2014 – Valor Econômico, Agronegócios. 06/04/2015

SÃO PAULO - O setor sucroalcooleiro paulista encerrou o ano de 2014 com 99.842 admissões com carteira assinada, segundo dados divulgados hoje pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA/Apta), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

O número é 25,7% menor que o registrado no ano anterior, conforme o instituto. Na visão do IEA, os dados mostram que o setor sucroalcooleiro enfrenta uma das maiores crises no emprego de sua história.

“Em todos os meses do ano, o número de admissões é inferior a 2013, inclusive no período de março a junho, quando o setor demanda com maior intensidade trabalhadores tanto para a colheita da cana, quanto para as atividades de processamento nas usinas”, informou o IEA em nota.

O Instituto considera dentro do setor sucroalcooleiro as atividades de cultivo de cana-de-açúcar, fabricação de açúcar bruto, fabricação de açúcar refinado e fabricação de álcool. “Essas quatro atividades registram, ano após ano, sucessivas quedas na geração de empregos. Por exemplo, em 2007 o setor era responsável por 262.289 admissões e, em 2014, esse número é 62% menor”, ressaltou o pesquisador do IEA, Carlos Eduardo Fredo.

Reflexo do processo de mecanização da colheita e do plantio da cana-de-açúcar no Estado, os trabalhadores do setor ligados diretamente às atividades agrícolas, como cortadores de cana-de-açúcar, tratoristas e outros, totalizavam 88.374 admissões (ocupações agrícolas), em 2013; no ano seguinte, esse número caiu 32%, 60.905 admissões, acompanhado de um elevado número de demissões (74.041), e o saldo de emprego em 2014 foi negativo, com perda de 13.136 postos de trabalho.

O estudo do IEA avaliou que a mecanização na safra 2013/14 já atinge 84,3% das áreas de cana em produção e que, entre a safra 2012/13 e a atual, foram 18 mil cortadores de cana-de-açúcar a menos demandados para a colheita manual.

As ocupações não agrícolas que envolvem os trabalhadores no transporte, serviços administrativos, de processamento nas usinas de açúcar e álcool e outras funções também foram impactados pela crise, segundo o IEA.

“Em 2014, foram cerca de 7 mil admissões a menos que em 2013. E o saldo que em 2013 ainda era positivo, ou seja, retinha trabalhadores no setor sucroalcooleiro, no ano de 2014 foi negativo em 9.415 postos de trabalho com carteira assinada”, afirmou o Instituto em nota.

Usina obtém prêmio menor na venda de anidro. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015

No dia 31 de março se encerrou o prazo para que as distribuidoras de combustíveis do país fechassem os contratos de compra de 70% do etanol anidro que será misturado à gasolina nos próximos 12 meses, contados a partir de abril. Dada a grande oferta disponível do produto nos estoques das usinas e a percepção de que está a caminho uma oferta abundante no ciclo 2015/16, que começou oficialmente no dia 1º deste mês, as usinas fecharam a venda do anidro, na média, em níveis abaixo do que esperavam há um mês, quando os contratos começaram a ser negociados.

A expectativa inicial era de que o valor pago pelo anidro fosse equivalente ao preço do hidratado (que é usado diretamente no tanque dos veículos) mais um prêmio de 11,5% a 12,5%. A variação já estava abaixo do prêmio de 13% adotado para o ciclo 2014/15. "Mas, no fim das contas, os contratos foram fechados a níveis entre 10% e 13% de prêmio, com uma média de 10,5% a 11%", estima o diretor da comercializadora Bioagência, Tarcilo Rodrigues.

Pelas regras da Agência Nacional de Petróleo (ANP), as distribuidoras tinham até 30 de março para apresentar ao órgão regulador contratos de aquisição de 70% do anidro que vão misturar nos 12 meses - com base no consumo do ano anterior. Com essa operação, essas empresas adquirem o direito de comprovar a aquisição de outros 20% até 1º de junho, cumprindo, portanto, a determinação de deixar "em aberto" apenas 10% da demanda projetada.

Nas estimativas da Bioagência, até o fim de março, as distribuidoras haviam contratado entre 70% e 80% da demanda prevista de etanol anidro para o ano, dentro do mínimo definido em normativa, mas abaixo dos níveis de 80% a 90% registrados na mesma época de 2014. "No ano passado, a percepção era de que a produção do biocombustível seria menor, dada a forte estiagem que havia recaído sobre os canaviais no primeiro trimestre de 2014", observa Rodrigues. Ele afirma que, neste momento, a visão é de uma boa oferta do produto, dada as condições climáticas favoráveis à cana.

Além da percepção de uma abundante disponibilidade de etanol e de que muitas usinas têm de realizar esses contratos para buscar capital de giro nos bancos - os contratos servem de lastro para operações de crédito -, também pesou no menor prêmio para o anidro o fato de, no ano passado, o percentual de prêmio efetivo do anidro sobre o hidratado ter sido de 11%, e não de 13% como foi definido antecipadamente nos contratos de compra e venda de 2014/15.

O percentual acordado a cada ano nesses contratos é aplicado semanalmente sobre o preço do hidratado, na medida em que a entrega do anidro é feita. A existência de um prêmio entre os dois produtos se deve ao valor agregado de um sobre o outro. O anidro é um etanol puro, que passa por desidratação para eliminar o máximo de água. Por isso, também tem custo maior que o do hidratado.

Em 2014, com o percentual de 25% na gasolina, o consumo de etanol anidro no país foi de 11,096 bilhões de litros, segundo a ANP, 14,5% mais que em 2013. Com o percentual mais elevado, de 27%, em vigor desde o dia 16 de fevereiro, a demanda deve ser elevada em 1 bilhão de litros, conforme estimativas do mercado.

Mesmo que o mercado de combustíveis no país não cresça em 2015 nos mesmos níveis de 2014, é esperado um avanço significativo, diz o diretor da Bioagência. "No ano passado, o consumo cresceu 7,5%. Mesmo com alguma desaceleração da economia brasileira, acredito num avanço de, pelo menos, 4,5%, puxado pelo etanol". Somente no primeiro bimestre deste ano, o consumo de hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, aumentou 16%, a 2,5 bilhões de litros. Nesse mesmo intervalo, a venda de gasolina C caiu 0,72%, para 6,9 bilhões de litros.

Fitch rebaixa nota de crédito da sucroalcooleira Tonon Bioenergia. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015

SÃO PAULO - A agência de classificação de risco Fitch rebaixou a nota de crédito da Tonon Bioenergia em moeda local e estrangeira para “B-“, de “B”. Também rebaixou para “B-/RR4”, de “B/RR4”, os ratings dos notes de US\$ 300 milhões sem garantias, emitidos pela subsidiária Tonon Luxembourg. Conforme a agência, os ratings estão atualmente em observação negativa.

O rebaixamento está baseado no perfil financeiro fraco da empresa, diante do volátil negócio de açúcar e etanol no Brasil. O cenário é potencializado por uma alta concentração de débitos de curto prazo, geração negativa de caixa e aumento dos níveis de alavancagem.

O risco sistemático do setor de açúcar e etanol no Brasil aumentou após o calote da Aralco e da Virgolino de Oliveira, fazendo com que a obtenção de capital de giro pelas companhias desse setor ficasse muito difícil, conforme a Fitch.

A observação negativa reflete a preocupação sobre a escalada de riscos de refinanciamento da Tonon. A empresa tem rolado seus débitos com dívidas de curto prazo, dada a escassez de crédito de médio e longo prazos para a maior parte das companhias desse setor.

Segundo a Fitch, a Tonon não possui propriedades de terra para serem usadas em garantias de novos financiamentos, o que torna o acesso a crédito mais desafiador. Tonon ainda enfrenta um cenário de estresse para os preços de açúcar e etanol, o que aumenta os desafios para a empresa reforçar a sua geração de fluxo de caixa operacional, mesmo com as melhorias no setor de etanol em 2015, em comparação a 2014 e os benefícios do real mais fraco para a competitividade da o açúcar brasileiro no exterior.

Além disso, segundo a agência, aumento do volume esmagados e geração de fluxo de caixa operacional mais robusto na nova temporada que termina em março 2016 dependem em grande parte da manutenção de condições meteorológicas favoráveis.

Em 31 de dezembro de 2014, a posição de caixa da Tonon era de R\$ 159 milhões, ante um débito de curto prazo de R\$ 257 milhões. No trimestre anterior, a companhia havia informado um caixa e um débito de curto prazo de R\$ 148 milhões e R\$ 154 milhões, respectivamente.

Hidratado volta a recuar nas usinas em São Paulo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015

Mesmo com o consumo em alta no bimestre - e os sinais são de que em março a demanda também foi expressivamente maior do que em igual mês de 2014 -, os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, acumulam queda nas usinas em São Paulo. O indicador Cepea/Esalq para o biocombustível recuou 1,6% neste ano e 11% desde o pico de preços da entressafra, de R\$ 1,41 por litro em 6 de fevereiro.

Em 31 de março, os estoques de hidratado estavam estimados em 1,1 bilhão de litros, 550 milhões a 600 milhões de litros acima do registrado um ano antes, segundo estimativas da SCA Trading.

Ainda que timidamente, o recuo vem se refletindo nos postos, para o consumidor final. Conforme dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgados ontem os preços médios do hidratado caíram na maior parte dos Estados brasileiros entre os dias 29 de março e 4 de abril, na comparação com a semana anterior. O biocombustível ficou mais barato para o motorista de 17 Estados e do Distrito Federal.

Em Mato Grosso foi registrada a maior retração, com o preço médio a R\$ 2,094 por litro, queda de 2,42% na comparação semanal. Minas Gerais também se destacou pela queda de 1,78%, com o preço médio a R\$ 2,307 o litro. Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, o preço médio do biocombustível caiu 0,27%, a R\$ 2,069 o litro.

Pela segunda semana consecutiva, Minas entrou no grupo dos Estados onde abastecer com etanol é mais vantajoso economicamente do que a gasolina. Conforme parâmetro mais aceito pelo mercado, isso ocorre quando os preços do biocombustível equivalem a menos de 70% do preço da gasolina.

Na semana entre os dias 29 de março e 4 de abril, essa paridade em Minas Gerais ficou em 68,4%, ante 69,7% da semana anterior. Em outros cinco Estados, essa relação já é favorável há mais tempo. Em São Paulo é de 65%, em Goiás, de 68%, em Mato Grosso de 62%, Mato Grosso do Sul, de 69,7% e no Paraná de 68,3%, de acordo com os dados da ANP.

Em seis Estados, os preços médios do etanol ao consumidor final subiram e em três ficaram estáveis, segundo a agência. Já no caso da gasolina, os preços médios subiram em dez Estados e caíram em 14 e no Distrito Federal.

Produção de cana pode alcançar 654 milhões de toneladas – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 13/04/2015

O primeiro levantamento de cana-de-açúcar da safra 2015/2016 indica que a produção no país pode chegar a 654,6 milhões de toneladas. O estudo foi divulgado nesta segunda-feira (13) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Esse valor é 3,1% superior, quando comparado aos 634,8 milhões de toneladas da safra anterior.

Questões climáticas como falta de chuvas, principalmente na região Sudeste, afetaram a produtividade da safra anterior. Já para a safra atual, a perspectiva de aumento (3,1%) é reflexo da recuperação desta variável (2,4%). O estudo mostra também que a área de colheita teve um acréscimo de apenas 0,7%.

A maior parte da cana-de-açúcar colhida vai ser destinada à fabricação de etanol, o que representa 56,2% da produção. O etanol total deve ter um aumento de 1,9%, passando de 28,66 para 29,20 bilhões de litros, com o hidratado, utilizado nos veículos "flex-fuel", reduzindo 2,8%. Sai da marca de 16,9 bilhões para 16,5 bilhões de litros. Já o anidro, destinado à mistura com gasolina, apresenta aumento de 8,6%.

Está prevista, para a produção de açúcar, um aumento de 5%, devendo passar das 35,56 milhões de toneladas para 37,35 milhões.

Moagem de cana está mais acelerada no Centro-Sul do país. Fernando Lopes e Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/04/2015

SÃO PAULO - Iniciada na segunda quinzena de fevereiro, a moagem de cana-de-açúcar desta safra 2015/16 no Centro-Sul do país somou 5,42 milhões de toneladas até 1º de abril, conforme levantamento divulgado há pouco pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). Em relação ao mesmo período do ciclo 2014/15, o volume é 44,2% superior, mas boa parte desse aumento expressivo decorre do fato de o processamento ter começado mais cedo na atual temporada.

De acordo com a entidade, a produção de açúcar já chegou a 152,8 mil toneladas nesse início da safra 2015/16, enquanto a de etanol atingiu 231,57 milhões de litros — 38,92 milhões de litros de anidro e 192,65 milhões de hidratado.

Apesar de o número de usinas em operações na segunda quinzena de fevereiro e na primeira metade de março ter sido maior que no mesmo intervalo do ano passado, no fim de março a situação já tinha se invertido. Conforme a Unica, eram 53 usinas em operação no Centro-Sul, ante 62 ao término do primeiro trimestre de 2014. Até 15 de abril, estima a entidade, o número de unidades em operação deverá alcançar 170, sete a mais que em igual período do ano passado.

Em toda a safra 2014/15, a moagem de cana no Centro-Sul alcançou 571,34 milhões de toneladas, 4,31% menos que em 2013/14. Na mesma comparação, a produção de açúcar atingiu 31,99 milhões de toneladas, 2,3 milhões a menos, e a de etanol aumentou 2,23%, para 26,15 bilhões de litros.

Conforme comunicado divulgado pela Unica, o avanço do etanol foi puxado pelo hidratado (usado diretamente nos tanques dos veículos), cuja produção atingiu 15,39

bilhões de litros. A produção de anidro (misturado à gasolina), por sua vez, chegou a 10,75 bilhões de litros.

Venda de etanol dispara em Minas Gerais. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 15/04/2015

Com a redução do ICMS do etanol de 19% para 14% e do aumento da alíquota incidente na gasolina de 24% para 29%, em vigor há cerca de um mês em Minas Gerais, os motoristas do Estado já começaram a migrar para o biocombustível, e essa tendência deverá ganhar força. A retomada da cobrança da Cide na gasolina, que está valendo desde fevereiro no país, também já está dando um empurrãozinho nesse movimento. Com isso, a demanda mineira pelo hidratado, usado diretamente no tanque dos veículos, deve saltar dos atuais 750 milhões de litros por ano para 2 bilhões de litros, nas estimativas do sindicato que representa as usinas de Minas Gerais (Siamig).

A demanda mensal de hidratado em Minas Gerais é de cerca de 60 milhões de litros. Em fevereiro, no entanto, esse volume já subiu para 84 milhões, em função da volta da Cide na gasolina, afirma o presidente do Siamig, Mário Campos. A estimativa do Sindicato é que já em março a marca de 100 milhões de litros seja alcançada. "É possível que nos próximos meses, o consumo registre picos de 150 milhões de litros", disse.

O efeito positivo vai se refletir em todo o mercado do Centro-Sul, uma vez que, depois de São Paulo, Minas Gerais é o maior mercado de combustíveis (Ciclo Otto, que representa gasolina e etanol) do país. Em etanol, é o quarto maior, mas se a demanda anual de 2 bilhões de litros se confirmar em 2015, os mineiros vão ultrapassar o Paraná, que em 2014, demandou 1,235 bilhão de litros de hidratado, atrás apenas de São Paulo. Tradicional exportador de etanol a outros Estados, Minas poderá passar a importar o biocombustível, ajudando a enxugar a oferta no país.

A semana passada foi a terceira consecutiva em que abastecer com hidratado em Minas Gerais ficou mais vantajoso do que usar a gasolina, o que não acontecia desde 2009. Pelo parâmetro mais aceito no mercado, isso acontece quando o preço do biocombustível nos postos é inferior a 70% do preço da gasolina. Na média do mercado mineiro, essa relação ficou em 67% entre 5 e 11 de abril, conforme a Agência Nacional de Petróleo (ANP). Considerando também a volta da Cide, a relação poderá ficar em 65%, segundo Campos.

A alteração nas alíquotas de ICMS - que resultou numa diferenciação tributária de 15 pontos percentuais entre gasolina e etanol - foi aprovada em Minas Gerais em dezembro. Naquele momento, a projeção do Siamig era que o consumo anual de hidratado, na casa de 750 milhões de litros, fosse dobrar para 1,5 bilhão. No entanto, com o anúncio, em janeiro, da retomada da cobrança da Cide na gasolina essa projeção de aumento de consumo foi elevada para 2 bilhões de litros, de acordo com Campos.

Uma campanha publicitária foi lançada ontem pelo sindicato mineiro em rádios e em mídias sociais para potencializar a vantagem econômica do etanol mineiro em relação à gasolina. "Nos últimos anos, diante da baixa demanda por etanol, os postos de

combustíveis do Estado haviam até desativado ou reduzido as bombas destinadas ao biocombustível", conta o executivo.

Ele considera normal que uma readaptação do mercado leve tempo. "Estamos observando que, em algumas cidades, o preço do etanol ainda não baixou, em resposta ao ICMS menor. Em outras cidades, o preço da gasolina ainda não subiu". Conforme a ANP, abastecer com etanol permaneceu vantajoso na última semana ao motorista de São Paulo (64,8%), Mato Grosso do Sul (69%), Paraná (68%), Mato Grosso (63,2%) e Goiás (67,9%).

Usinas do Oeste paulista apoiam projeto de terceirização – Valor Econômico, Agronegócios. 17/04/2015

Por Valor

SÃO PAULO - A União dos Produtores de Bioenergia (Udop), que representa as usinas de cana-de-açúcar do Oeste paulista, afirmou que apoia a aprovação do Projeto de Lei 4330/04, que regulamenta a terceirização do trabalho nas empresas brasileiras, por acreditar que o projeto garante a manutenção de todos os direitos “trabalhistas conquistados com muito suor ao longo de décadas de discussões” e ainda trará “uma segurança jurídica mais eficiente para as usinas e demais empresas e indústrias brasileiras”.

“Acreditamos que a regulamentação vai melhorar a eficiência e a competitividade no curto, médio e longo prazos nas usinas, trazendo um ganho na qualidade dos serviços prestados, o que só será possível pela maior capacitação e qualificação dos profissionais. O Projeto de Lei, desta forma, defende o trabalho, e não a precarização das relações trabalhistas”, destacou em nota a diretoria da UDOP.

Conforme a entidade, o Fórum Nacional Sucroenergético (FNS), entidade formada pelas associações de classe do setor produtivo industrial de açúcar, etanol e bioeletricidade, representando nacionalmente os interesses da indústria sucroenergética, também manifestou também seu apoio pela aprovação do PL 4330/04, defendendo os “aspectos positivos que envolvem sua regulamentação”.

O projeto de lei tramita no Congresso Nacional há mais de 11 anos e há previsão de que seja votado pelos parlamentares nas próximas semanas.

Agência Fitch corta nota de crédito da sucroalcooleira Jalles Machado – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015

Por Valor

SÃO PAULO - A agência de classificação de risco Fitch rebaixou os ratings de Probabilidade de Inadimplência do Emissor (IDRs) em moedas estrangeira e local da sucroalcooleira Jalles Machado para “B+”, de “BB-“ e seu rating nacional de longo prazo para “A-(bra)” de “A+(bra)”. O corte reflete o enfraquecimento do perfil financeiro da companhia devido à combinação de reduzida posição de caixa e maior concentração da dívida no curto prazo.

A Fitch também removeu a observação negativa dos ratings da Jalles Machado e atribuiu perspectiva negativa.

Conforme a agência, o risco sistêmico do setor brasileiro de açúcar e etanol continua alto, em decorrência do pedido de recuperação judicial da Aralco S.A. Indústria e Comércio (Aralco) e de problemas financeiros da Virgolino de Oliveira S.A. Açúcar e Álcool (GVO), que busca reestruturar sua dívida.

A Fitch não espera que o índice de cobertura da dívida de curto prazo da Jalles Machado na safra atual melhore significativamente, apesar da projeção de aumento da posição de caixa como resultado da bem-sucedida estratégia de formação de estoques para aproveitamento dos maiores preços do etanol durante a entressafra.

Conforme a agência, a liquidez de curto prazo da empresa deve se beneficiar, em 2015, da venda de 65% da Codora Energia Ltda. (Codora) para a Albioma Participações do Brasil (Albioma). Apesar disso, a venda, de certa forma, “enfraquece o perfil de negócios da companhia a longo prazo”, conforme a Fitch.

Na visão da agência, a perspectiva negativa reflete as preocupações quanto às perspectivas de médio prazo do setor brasileiro de açúcar e etanol. Os preços de ambos os produtos devem permanecer sob pressão, apesar das melhoras na dinâmica do setor de etanol em 2015, frente a 2014.

O setor está altamente exposto a riscos climáticos, e a geração de fluxo de caixa operacional mais robusto na nova safra, que se encerra em 31 de março de 2016, dependerá amplamente de condições climáticas favoráveis, como as do início de 2015, explica a agência.

Os ratings da Jalles Machado, no entanto, continuam beneficiados pelo forte modelo de negócios e por robustas margens operacionais. A companhia conta com uma carteira de produtos de alto valor agregado, que inclui açúcar orgânico de marca e cristal, assim como a parcela remanescente de sua produção de energia. “A empresa se beneficia de incentivos fiscais na venda de açúcar e etanol e dos preços relativamente baixos do arrendamento de terras. Os ratings incorporam o forte desempenho agrícola da companhia devido aos seus adequados investimentos em canaviais, ao uso de irrigação em relevante parcela de sua área de colheita e a autossuficiência em cana-de-açúcar, o que explica a menor volatilidade da geração de fluxo de caixa operacional da companhia em comparação a muitos de seus pares”, afirmou a Fitch em relatório.

Apesar de acreditar a Jalles Machado vai apresentar uma restauração de sua posição de caixa referente ao ciclo encerrado em 31 de março, a Fitch prevê que a cobertura caixa/dívida de curto prazo permanecerá fraca, mantendo altos riscos de refinanciamento. Em 31 de dezembro de 2014, a Jalles Machado reportou posição de caixa de R\$ 92 milhões e dívida de curto prazo de R\$ 324 milhões, proporcionando 0,28 vez de cobertura.

“Isso se compara desfavoravelmente aos R\$ 132 milhões de caixa e aos R\$ 246 milhões de dívida de curto prazo reportados em 31 de março de 2014. A Fitch acredita que em 31 de março de 2015 a Jalles Machado reportará posição de caixa em torno de R\$ 170 milhões, resultando em índice caixa/dívida de curto prazo inferior a 0,50 vez.

Fitch mantém rating de crédito da Biosev – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015

Por Valor

SÃO PAULO - A agência de classificação de risco Fitch afirmou os Ratings de Probabilidade de Inadimplência do Emissor (IDR) em moeda estrangeira e local da sucroalcooleira Biosev em “BB-“ e seu Rating Nacional de Longo Prazo em “A+(bra)”. A Fitch removeu a observação negativa dos ratings e atribuiu perspectiva negativa.

Conforme a agência, a perspectiva negativa reflete os desafios que a companhia ainda terá que enfrentar ao longo da nova safra, a 2015/16, para que seu fluxo de caixa livre (FCF) atinja o “breakeven” e para melhorar seu perfil de crédito em meio a um cenário de preços reprimidos de açúcar e etanol.

Conforme a Fitch, a Biosev, controlada pela francesa Louis Dreyfus Commodities, continua investindo no plantio e em cuidados para melhorar sua produtividade agrícola e aumentar a utilização da capacidade instalada.

“Os preços do açúcar e etanol, no entanto, devem permanecer sob pressão, apesar das melhoras na dinâmica do setor em 2015, frente a 2014. A geração de fluxo de caixa operacional mais robusto na nova safra, que se encerra em 31 de março de 2016, também dependerá da manutenção de condições climáticas favoráveis, como ocorreu no início de 2015”, avaliou a Fitch.

Conforme a agência, a remoção da Observação Negativa incorpora as expectativas de que a Biosev continuará a administrar sua liquidez acessando financiamentos de médio e longo prazos junto a instituições financeiras, apesar do aumento do risco sistêmico no setor brasileiro de açúcar e etanol.

Os ratings da Biosev incorporam o persistente aumento da alavancagem e sua grande capacidade de moagem, aliadas a um modelo de negócios diferenciado, baseado em clusters industriais e agrícolas em uma mesma região, o que lhe proporciona fortes vantagens competitivas no setor brasileiro de açúcar e etanol, na visão da Fitch.

Conforme a agência, a Biosev deve restabelecer sua posição de caixa e melhorar o índice caixa/dívida de curto prazo em 2015, na medida em que a estratégia da companhia de formar estoques na expectativa de aumento dos preços do etanol durante a entressafra foi recompensada, dado o aumento dos preços do etanol registrados em janeiro e fevereiro de 2015. A agência acredita que a Biosev reportará caixa em torno de R\$ 2,0 bilhões em 31 de março de 2015 e redução da dívida de curto prazo após a venda dos estoques no quarto trimestre do ano safra 2014/15. Em 31 de dezembro de 2014, os estoques da companhia eram superiores a R\$ 1 bilhão.

A Biosev continua tendo acesso a financiamentos de médio e longo prazos, conforme a Fitch. Em janeiro, fechou uma linha sindicalizada de oito instituições financeiras, de US\$ 318 milhões (aproximadamente R\$ 860 milhões), de adiantamento a exportações, com prazo de três anos. O crédito vence em abril de 2018 e é garantido pelo penhor de canaviais e estoques da Biosev.

“A companhia rolou créditos em 2015 para melhorar o perfil de vencimento de sua dívida e aliviar a pressão de curto prazo sobre o fluxo de caixa”. A agência observa que, em 31 de dezembro de 2014, o caixa era de R\$ 190 milhões, que se comparava desfavoravelmente com a dívida de curto prazo, de R\$ 1,9 bilhão, resultando em cobertura de 0,10 vez. Em 31 de março de 2014, a Biosev havia reportado posição de caixa de R\$ 1,8 bilhão e dívida de curto prazo de R\$ 2,1 bilhões. A posição dos estoques da Biosev dobrou para R\$ 1 bilhão em 31 de dezembro de 2014, de R\$ 505 milhões em 31 de março de 2014.

Guarani deve processar 20,5 milhões de t de cana em 15/16. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Empresas e Negócios. 26/04/2015

O diretor da divisão de cana-de-açúcar da Tereos Internacional, Jacyr Costa Filho, disse ao Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, que a moagem de cana-de-açúcar pelas unidades da Guarani na safra 2015/16 deverá variar de 20 milhões a 20,5 milhões de toneladas. O volume fica em linha com o de 2014/15 (20,2 milhões de toneladas) e bem próximo da capacidade total, de 22 milhões de toneladas. O executivo afirmou que ainda é cedo para fazer qualquer projeção sobre o mix ou a produção de açúcar e etanol, mas destacou que o ciclo tende a ser mesmo mais alcooleiro por conta das recentes medidas de apoio ao biocombustível. "Será uma safra longa, em torno de 220 dias. Vamos avaliar conforme o andamento do mercado", disse, acrescentando que a companhia deve encerrar o ciclo vigente no final de novembro.

Ainda de acordo com Costa Filho, as usinas da Guarani começaram a atual temporada com atraso de 15 dias ante o observado no ano passado em virtude das chuvas em fevereiro e março, que impactaram no rendimento dos canaviais. Há atraso também no plantio, mas "nada que preocupe". De acordo com o diretor da Tereos, nesses primeiros dias da safra 2015/16 o teor de sacarose da cana colhida está em torno de 115 kg por tonelada, com picos de 120 kg/t.

No momento, são quatro as unidades da Guarani em operação, mas a expectativa é de que todas as sete indústrias da companhia, localizadas no noroeste paulista, estejam processando a safra até 1º de maio. "Vamos focar em ganhos de produtividade, tanto agrícola quanto industrial, nesta safra. Estamos reestruturando a dívida também", comentou ele.

Pelo balanço mais recente da companhia, referente ao quarto trimestre de 2014, a Tereos Internacional informou lucro líquido atribuível aos acionistas da controladora de R\$ 600 mil, montante 97% menor na comparação com o de R\$ 18,7 milhões registrado em igual intervalo do ciclo anterior. A receita líquida, por sua vez, aumentou 6,4%, para R\$ 2,14 bilhões, enquanto o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) ajustado ficou em R\$ 289,5 milhões (+3,7%).

Gasolina com 27% de etanol não faz mal – O Estado de São Paulo, Jornal do Carro. 30/04/2015

Estudo aponta que não houve alteração significativa nos veículos testados com nova mistura

A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, a Anfavea, concluiu nesta quinta-feira (30) que não há nada que impeça o uso da gasolina com 27,5% de etanol. O relatório produzido pela entidade foi entregue ao Governo Federal com 85% dos testes realizados até o início do mês, e aponta que não houve alteração significativa nos veículos testados em comparação aos resultados dos testes anteriores.

As marcas Fiat/Chrysler, Ford, Chevrolet, Caoa Hyundai, Toyota, Volkswagen e Honda participaram dos testes. Ainda segundo a entidade, o aumento de consumo verificado foi da ordem de 1% a 2% em relação à mistura de 25%. "Com base nos ensaios realizados até o momento, não foram encontradas evidências que impeçam o uso da gasolina com 27,5% de etanol para os veículos aqui avaliados, desde que o combustível comercializado possua as mesmas características daquele enviado pela Petrobras para estes ensaios."

No estudo foram testados os aspectos de dirigibilidade, partida a frio e a quente, temperatura do catalisador; emissões e consumo de combustível, durabilidade em campo e testes de bancada.

ENTENDA O CASO

A partir do dia 16 de março passou a valer o aumento do percentual de etanol na gasolina vendida no País, fruto de medida sancionada pela presidente Dilma Rousseff em "socorro" ao setor sucroalcooleiro, que precisa escoar a produção. O percentual subiu de 25% para 27%.

A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), recomenda o uso da gasolina premium nos modelos movidos apenas pelo combustível mineral. Consideravelmente mais caro, esse produto manteve os 25% de etanol na mistura.

POLÍTICA NACIONAL

BIODIESEL

Biodiesel poderá consumir metade da soja do país em 2022. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 24/04/2015

A indústria nacional de biodiesel poderá consumir 50 milhões de toneladas de soja a partir de 2022.

Se confirmada essa estimativa, o setor utilizará metade da soja a ser produzida no país naquele ano, tomando como base estimativas de produção de 100 milhões de toneladas para o período.

A estimativa de consumo de soja para biodiesel é de Julio Cesar Minelli, diretor-superintendente da Aprobio (Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil), e considera um aumento contínuo do percentual da mistura de biodiesel ao diesel. Atualmente em 7%, a mistura teria de subir para 15% em 2022.

É claro que essa meta só será atingida com investimentos, e estes só ocorrerão com um marco regulatório que coloque horizontes para o setor.

"As decisões sobre o setor estão nas mãos do governo, e planejamento e transparência são fundamentais para esse crescimento", diz Minelli.

Na avaliação da Aprobio, serão necessárias 68 novas usinas de biodiesel até 2025, com capacidade de 150 milhões de litros cada. O investimento atingirá R\$ 4,1 bilhões em usinas de biodiesel e R\$ 6,1 bilhões em unidades de processamento da oleaginosa.

CRISE

A produção nacional de biodiesel estava prevista em 4,3 bilhões de litros neste ano, mas, devido à desaceleração da economia, Minelli diz que o setor reduziu essa estimativa para 4 bilhões.

O setor tem 59 empresas com autorização de comercialização pela ANP (Agência Nacional do Petróleo e Biocombustíveis), mas continua com um alto índice de capacidade ociosa, devendo fechar 2015 com 43%.

Se a perspectiva de produção interna é de elevação no longo prazo, o mercado externo é pouco atrativo, apesar de o setor ser composto por tradings como ADM, Cargill e Bunge.

A falta de estímulo deve-se às tarifas de exportação do governo -que privilegiam a venda externa de grãos e oneram a de biodiesel.

AGRICULTURA FAMILIAR

Lançado como parte de um programa de governo para a agricultura familiar, 87,3 mil produtores participaram desse projeto em 2013 e receberam R\$ 2,85 bilhões pela venda da matéria-prima para a produção de biodiesel.

Neste ano, esse valor pode ir a R\$ 4 bilhões, o que representa mais que o dobro do R\$ 1,63 bilhão disponibilizado na safra 2014/15 para novos assentados da reforma agrária, segundo a Aprobio.

A demanda pela matéria-prima é assegurada pelo selo combustível social, exigido para pelo menos 80% das vendas de biodiesel nos leilões da ANP.

Para a obtenção do selo, as usinas precisam comprar um percentual mínimo de matéria-prima de agricultores familiares. Essa fatia varia de acordo com o Estado. No Rio Grande do Sul, líder em produção no país, a exigência é de 40%. Nos Estados do Centro-Oeste, é de 15%.

Além da soja, os agricultores familiares vendem canola, algodão e girassol para a produção de biodiesel. Pelo menos 75% do biodiesel vem da soja.

Com TATIANA FREITAS

*

Carnes Os Estados Unidos continuam com problemas na produção de carne bovina. A oferta do primeiro trimestre deste ano recuou 3% em relação à de igual período do ano passado.

Frigoríficos Os abates de gado nos Estados Unidos somaram 6,97 milhões de cabeças nos três primeiros meses, 6% menos do que o número de janeiro a março de 2014.

Suínos Os dados foram divulgados nesta quinta-feira (23) pelo Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). O órgão mostrou, ainda, que a produção de carne suína voltou a subir, superando em 7% a de igual período do ano passado.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

ETANOL

IFC fortalece as apostas em agroindústrias brasileiras. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 06/04/2015

A despeito das restrições de crédito que rondam o campo brasileiro, o IFC, braço de financiamentos corporativos do Banco Mundial, pretende no mínimo manter o ritmo de avanço de suas operações no setor de agronegócios no país. A instituição já vem fechando de US\$ 150 milhões a US\$ 200 milhões por ano em novos negócios nessa frente, a maior parte nas áreas sucroalcooleira e de proteína animal.

No exercício que se encerrará em junho de 2015, a instituição deverá aplicar ao menos US\$ 150 milhões, dos quais 80% já foram desembolsados. São três projetos, dois dos quais sucroalcooleiros. Uma das operações foi um aporte em troca de participação acionária (equity) na Biosev, controlada pela múlti francesa Louis Dreyfus Commodities (LDC). O IFC injetou em fevereiro passado US\$ 50 milhões e adquiriu 5% do capital da companhia, segunda maior produtora de açúcar e etanol do país.

Outra operação de peso neste ano fiscal foi um financiamento à Delta Sucoenergia. Os recursos, de US\$ 80 milhões, integraram um amplo programa de investimentos da empresa. Esse programa, que contou com R\$ 250 milhões do BNDES, tem como principal ação um aumento da capacidade de cogeração de energia elétrica a partir do bagaço de cana.

"O terceiro projeto, de US\$ 20 milhões, deverá ser aprovado no fim de junho. É de uma empresa do segmento florestal", disse ao Valor Luiz Daniel Campos, executivo responsável por agronegócios na IFC Brasil.

A expectativa da instituição é que sua carteira de agronegócios alcance US\$ 560 milhões no Brasil até o fechamento do ano-fiscal 2015, em 30 de junho, incluindo investimentos por meio de outras instituições financeiras. Desse montante, cerca de US\$ 380 milhões serão em aportes diretos do IFC.

No fim do último ano fiscal, em junho de 2014, o IFC detinha no Brasil uma carteira de US\$ 4,3 bilhões, considerando todos os setores financiados. Desse total, US\$ 315

milhões eram de projetos no agronegócio, sendo US\$ 250 milhões referentes a aportes diretos da instituição. "Considerando a importância do agronegócio no Brasil, talvez esse volume ainda seja pequeno. Mas somos muito criteriosos nas análises de sustentabilidade dos projetos e não terceirizamos esse trabalho de auditoria. Tudo é feito pelas nossas próprias equipes", afirmou Campos.

Aproximadamente 40% do montante aplicado no agronegócio no exercício findo em julho de 2014 foi aplicado em operações de açúcar e etanol, informou o executivo. O segmento de proteína animal participou com cerca de 30% desse total e o restante foi distribuído a outros segmentos.

De acordo com Campos, fazem parte dessa carteira desde projetos ligados à atividade primária no campo (agricultura e pecuária) até indústrias de transformação.

Além de financiamentos convencionais, para investimento, capital de giro, prestação de garantias e exportação, o IFC também injeta recursos em troca de participações acionárias, como no caso da Biosev.

Atualmente, metade da carteira do banco no agronegócio brasileiro está estruturada em equity e a outra metade, em dívida. Além dos 5% que tem na sucroalcooleira, a instituição é dona de 2,5% na Minerva Foods, que tem foco em carne bovina.

Com um raio de ação que alcança 184 países, o IFC fez seu primeiro investimento no Brasil em 1956, lembrou Campos. As operações não oferecem taxas de juros subsidiadas ou mais baixas que as oferecidas no mercado. O diferencial das linhas do IFC é o prazo, geralmente superior a cinco anos - algo ainda não tão usual em mercados como o Brasil. "A média da nossa carteira do agronegócio é de oito anos", disse ele.

Somente o BNDES costuma oferecer linhas de mais longo prazo, mas com restrições diferentes das adotadas pelo IFC. "Somos complementares ao BNDES. O banco de fomento nacional não financia, por exemplo, aquisição de equipamentos importados, nem compra de terras e de empresas. O IFC não faz essas restrições", detalhou Campos.

Todas as operações passíveis de receber recursos do IFC passam por diligência, feita por uma equipe própria do banco. São verificadas as condições de sustentabilidade financeira e operacional da empresa demandante, bem como seus processos sócio-ambientais. "Ser financiado pelo IFC funciona como uma espécie de carimbo de adoção das melhores práticas. Nosso objetivo é estar à frente dos bancos tradicionais, mostrando para o mercado os melhores padrões".

O processo de seleção é detalhado, com visitas in loco para verificar as condições do trabalho da companhia. As operações também não podem ser inferiores a US\$ 20 milhões.

No caso das usinas de cana-de-açúcar, que hoje formam a maior parte da carteira da instituição no agronegócio, são observados o impacto na biodiversidade no caso de projetos de expansão de capacidade, assim como as condições de saúde e proteção ao trabalhador e o atendimento às legislações trabalhista e ambiental. O banco também verifica outros quesitos, como tratamento de efluentes e destinação de resíduos. "O que eu posso dizer é que a parte trabalhista no Brasil é muito avançada".

No agronegócio, setor no qual inclui alimentos e bebidas, o IFC somente não financia os segmentos de fumo e bebidas alcoólicas. As empresas financiáveis, entretanto, também podem ser alvo de condicionantes para receber recursos. No caso de produtoras agrícolas, por exemplo, são fechados acordos para estabelecer um plano de eliminação gradual do uso de determinados agrotóxicos que tenham níveis de toxicidade acima do permitido pela ONU.

"Não esperamos que as empresas estejam fazendo tudo 100% certo. Mas é estabelecido um plano de readequação com a expectativa de que as melhores práticas sejam aplicadas dentro dos prazos".

"Brasil ficou para trás no setor de biocombustíveis". Fernando Caulyt– Site da Revista Carta Capital, Economia. 12/04/2015

Especialista diz que EUA, UE e China lideram corrida para ver quem vai estabelecer o padrão de produção de etanol a partir da celulose

Após se tornar o líder no consumo e produção de biocombustíveis, o Brasil perdeu a hegemonia para EUA (em 2003) e União Europeia (2011). O retorno à ponta, porém, será difícil, afirma Sergio Salles-Filho, organizador do livro "Futuros do Bioetanol: O Brasil na Liderança", lançado pela Unicamp.

Segundo ele, o Brasil terá que investir mais na tecnologia de segunda geração dos biocombustíveis – produção de etanol por meio de celulose – e implementar políticas mais concretas para o setor. "O Brasil investe nessa tecnologia, porém menos que EUA, União Europeia e China", afirma o engenheiro agrônomo. "Existe uma corrida hoje para ver quem vai estabelecer o padrão de produção de álcool a partir da celulose, mas o Brasil está para trás."

Deutsche Welle: Após ser líder no consumo de biocombustíveis, o Brasil perdeu a liderança em consumo para os EUA (2003) e União Europeia (2011). Por quê?

Sergio Salles-Filho: O Brasil tinha uma liderança muito mais pelo fato de que a indústria de açúcar e álcool era secular e o país deu início antes dos outros países ao uso sistemático do etanol como combustível para automóveis. Ou seja, desse uso sistemático gerou-se uma política de usar o etanol e, assim, a produção foi aumentada. Era uma liderança frágil, porque era o único país que produzia etanol por meio de cana de açúcar. Os demais países não faziam isso. Como era estava só, o Brasil era líder dele mesmo.

DW: E o que os outros países, como os EUA, fizeram para crescer no setor?

SSF: Como boa parte da tecnologia é aberta, a perda da liderança ocorreu de forma rápida. Os EUA focaram muito no etanol de milho. Em menos de cinco anos, dobraram a produção para 50 bilhões de litros. Hoje são quase 60 bilhões. Foi um salto extraordinário porque houve uma política de Estado dizendo que iriam colocar etanol na gasolina.

DW: É possível o Brasil voltar à liderança mundial no setor?

SSF: Acho, pessoalmente, isso muito difícil de acontecer, mas não é impossível. Por uma razão: o volume de investimento em novas tecnologias que vem sendo realizado por países desenvolvidos é muito maior do que o do Brasil. As técnicas tradicionais de produção, seja do etanol ou do biodiesel, não têm segredo. Já novas tecnologias, principalmente a partir de celulose, podem mudar a situação no futuro. O Brasil investe nessa tecnologia, porém menos que EUA, União Europeia e China. Existe uma corrida hoje para ver quem vai estabelecer o padrão de produção de álcool a partir da celulose, mas o país está para trás. Ele terá que ampliar os investimentos caso queira retomar a liderança.

DW: O que exatamente precisa ser feito?

SSF: É preciso que seja criada uma política para substituir o combustível fóssil, ou seja, ir retirando gradativamente a gasolina do posto e colocando mais etanol à disposição. Mas, em vez disso, o governo federal tomou claramente uma opção pela produção de petróleo. Ele continua investindo em biocombustíveis, mas não dá para comparar, já que são volumes de dinheiro bem diferentes.

DW: Faltam políticas para o setor?

SSF: Falta uma política clara do governo federal em relação aos biocombustíveis. Elas chegam a existir, mas não são concretas como, por exemplo, determinar que, em dez anos, o Brasil terá que ter uma frota de 80% rodando com etanol. O que existe é uma política dúbia, em que o governo aposta ao mesmo tempo no petróleo e nos biocombustíveis. Não há problemas nisso, mas, a longo prazo, é criada uma sinalização confusa para os atores públicos e privados que estão envolvidos no setor.

DW: Com o barril de petróleo mais barato, vale a pena ainda investir em biocombustíveis?

SSF: O preço do barril de petróleo, que caiu de forma muito intensa, altera completamente qualquer estudo prospectivo sobre o futuro dos biocombustíveis. Isso porque eles existem por uma pressão ambiental, por serem mais adequados ambientalmente e uma alternativa aos derivados do petróleo.

Mas a decisão sobre investimentos não pode depender tanto do momento. Não se pode estruturar uma indústria de biocombustíveis, incluindo aí a cadeia produtiva, de transporte, distribuição e consumo, e ficar dependendo de uma oscilação do preço do petróleo.

DW: Quais são os principais impulsos atualmente ao investimento em biocombustíveis?

SSF: A principal razão para a expansão hoje dos biocombustíveis são as regulações ambientais – como a redução da emissão de carbono – e isso coloca força na produção. Se não fosse a regulamentação ambiental em Europa, EUA e Brasil, além de outros países, de redução de emissão de carbono e substituição de combustíveis fósseis por renováveis, o futuro dos biocombustíveis estaria comprometido.

DW: Como você vê o futuro dos biocombustíveis?

SSF: A tendência é a produção de bioetanol a partir de celulose – como fibra, palha e bagaço da própria cana –, mas ela está no início. A vantagem é que se pode extrair o

etanol a partir de qualquer biomassa vegetal com celulose. E, assim, vários países têm a chance de entrar no negócio, já que, se um país não consegue produzir cana de açúcar por causa do clima, é possível produzir essa matéria-prima mais indiferenciada.

Hoje existem no mundo cerca de seis a oito plantas em escala industrial para produzir bioetanol com base em celulose, com capacidades muito baixas. As duas maiores – que têm capacidade de produzir 90 milhões de litros por ano e se localizam nos EUA – não conseguem chegar nesse teto por problemas técnicos.

Só em comparação, os EUA produzem quase 60 bilhões de litros por ano de etanol de milho. O Brasil – com a terceira maior planta e capacidade de 80 milhões de litros por ano – começou a produzir no ano passado e está fazendo ajustes para que a operação chegue ao volume de produção que é esperado.

ADM assumirá usinas de milho em três países. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 21/04/2015

SÃO PAULO - A Archer Daniels Midland Company (ADM) anunciou um acordo para comprar diversos ativos da Eaststarch, uma joint-venture entre a própria ADM e a Tate & Lyle. Pelo acordo, a trading americana vai pagar 240 milhões de euros em dinheiro à Tate & Lyle e assumir as usinas de milho da empresa na Bulgária e Turquia e passará a deter 50% de um moinho na Hungria.

A negociação está “sujeita a questões habituais” e prevê também que a Tate & Lyle assuma a propriedade da Eaststarch na Eslováquia.

“Nosso negócio de milho está criando valor agregado para o acionista com expansão geográfica e a crescente diversificação do nosso portfólio de produto”, disse Chris Cuddy, presidente da unidade de processamento de milho da ADM. “Com o fim das cotas de produção de açúcar na Europa, haverá enormes oportunidades de crescimento no setor de adoçantes, incluindo a abertura de novos mercados no Leste Europeu. Ao adquirir maior parcela nesses ativos, a ADM será capaz de aumentar a oferta de produtos de adoçantes e melhorar a capacidade de atendimento na área de amidos na Europa”.

As instalações da Bulgária, Turquia e Hungria têm uma capacidade de moagem diária combinada de aproximadamente 200 mil bushels (5 mil toneladas). Elas produzem principalmente adoçantes e amidos; a unidade da Hungria também produz etanol para combustível, bebidas e produtos para uso industrial.

Essa operação vai aumentar a capacidade de moagem global de milho pela ADM em 7,5%, para cerca de 3 milhões de bushels (7,62 milhões de toneladas) por dia.

“O valor desta transação reflete a redução nos preços do açúcar que irá acontecer na Europa”, adicionou Cuddy.

Como parte da transação, a ADM irá fornecer à Tate & Lyle frutose cristalina a partir da usina da Turquia. Além disso, a Tate & Lyle indicará a ADM como agente exclusivo para a venda de adoçantes líquidos e amidos industriais produzidos por suas fábricas da UE.

A Eaststarch, joint-venture entre a ADM e Tate & Lyle com 50% cada uma, foi formada em 1992. Possui as três usinas de milho, um na Eslováquia, um na Bulgária e uma na Turquia - e 50% de uma fábrica na Hungria.

A transação está sujeita à aprovação regulatória em algumas jurisdições. E ADM anunciou que tem como meta fechar o negócio neste verão no hemisfério Norte.

CHS amplia parceria para ser "grande" em etanol de milho. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015

Terceira maior comercializadora independente de etanol dos Estados Unidos, a cooperativa americana CHS quer se estabelecer como um importante "player" no mercado do biocombustível no Brasil. Com pouco espaço para adentrar no já consolidado segmento de comercialização de etanol de cana, a americana vê oportunidades no "trade" de etanol de milho, ainda em fase de crescimento no país.

A entrada nesse mercado se dará por meio da parceria com a gaúcha USI Biorefinarias, com a qual a americana já havia selado um acordo de comercialização do produto. Fechado há mais de um ano, o contrato estabelecia que a CHS não poderia comprar etanol de usinas de fora da parceria com a USI quando a capacidade diária da unidade fosse igual ou menor a 30 mil litros.

Naquele momento, o projeto em vista era a produção de etanol a partir de arroz cultivado por pequenos rizicultores gaúchos. Mas de olho na oferta abundante de milho no Centro-Oeste, combinada com a necessidade local de agregar valor ao grão, as duas empresas estenderam a exclusividade a usinas parceiras com capacidade para até 100 mil litros/dia, independentemente da matéria-prima.

O presidente da USI Biorefinarias, Francisco Malmann, diz que o plano é instalar até 2020 usinas no Centro-Oeste e no Rio Grande do Sul que somam capacidade de produção de 750 milhões de litros por ano. Se vingarem, essas unidades vão demandar investimentos de cerca de R\$ 1 bilhão. Somente no Centro-Oeste, devem ser 15 usinas com capacidade anual de 525 milhões de litros. "No caso de Mato Grosso, essa produção até 2020 demandaria em torno de 4% da produção local de milho", compara.

Os volumes até 2020 são modestos frente à produção brasileira de etanol em 2014, de 28 bilhões de litros, sendo 100 milhões de milho. No entanto, é bem superior ao volume que a CHS deve movimentar em 2015 no Brasil (120 milhões). Nos EUA, a cooperativa tem participação de 7% na comercialização de etanol.

Neste momento, a USI tem quatro contratos de intenção de investimento assinados com produtores do grão no Centro-Oeste. Conforme Malmann, em até 60 dias, uma proposta vinculante, com o detalhamento do investimento, será encaminhada aos potenciais parceiros a fim de que o martelo seja, de fato, batido. Dois contratos foram assinados com produtores da região de Nova Mutum, norte do Mato Grosso, cada um para uma usina com capacidade diária de 100 mil litros. Um terceiro é para uma unidade de 50 mil litros.

Em Mato Grosso do Sul, foi assinado um contrato na região de Dourados para uma unidade com capacidade diária para 50 mil litros. A empresa tem ainda dois acordos

fechados com investidores para implantar usinas de etanol de arroz no Rio Grande do Sul.

O conceito de parceira envolve todas as usinas de etanol de amido que adotem a tecnologia da USI. A gaúcha capta investidores, e também, se for o caso, entra com capital próprio, para implantar essas unidades, cuja operação fica a cargo da própria USI.

Entre os modelos de negócio possíveis está o de financiamento da lavoura mediante o compromisso de entrega futura de produto agrícola, tais como arroz, milho ou sorgo. Além de ter a exclusividade na compra do etanol dessas unidades industriais, a cooperativa americana, dona de um faturamento de US\$ 42 bilhões, ainda tem a oportunidade de participar das operações de "barter", uma das suas maiores especialidades. "Nosso principal interesse é originar o etanol. A venda de insumo nessa operação é apenas uma possibilidade de ganho adicional", explica o diretor de Biocombustíveis da CHS, Clayton Melo.

A entrada em milho, diz o executivo da CHS, é uma alternativa diante das restrições impostas a novo entrantes na comercialização de etanol de cana no Brasil. "A indústria canavieira acabou se organizando em pequenos blocos e cada usina tem sua estrutura comercial", explica Melo. O perfil do "usineiro" de milho é diferente daquele do tradicional empresário da cana. "Ele precisa agregar valor ao seu milho. Não entende do mercado de combustíveis", diz.

Alta de preços do açúcar já supera 8% em abril em NY. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015

Os preços do açúcar ampliaram ontem sua curva de recuperação na bolsa de Nova York em abril. Impulsionados por uma nova rodada de queda do dólar, os contratos com vencimento em julho (que ocupam a segunda posição de entrega, normalmente a de maior liquidez) fecharam com forte elevação de 3,49%, a 13,03 centavos de dólar por libra-peso. Com mais essa alta, a commodity passou a acumular ganhos de 8,04% no acumulado do mês, de acordo com cálculos do Valor Data.

O enfraquecimento da moeda americana desestimula a venda de açúcar pelos produtores do Brasil (maior fornecedor global), na medida em que diminui a rentabilidade das exportações. Com menos oferta no mercado, os preços tendem a subir. Esse movimento cambial favorece também outras commodities: o algodão, por exemplo, subiu 4% ontem em Nova York, a maior valorização diária desde agosto de 2012

Em março, os fundamentos baixistas e a disparada do dólar fizeram o açúcar despencar em Nova York: as cotações caíram 12,4% naquele mês. O mau humor "contaminou" os fundos, que elevaram apostas na baixa da commodity. Segundo a Comissão de Negociação de Futuros de Commodities (CFTC), os gestores de recursos ("managed money") encerraram a semana até 24 de março com saldo líquido vendido - que indica a crença na queda da commodity - de 116.984 contratos (entre futuros e opções), o pico pessimista do ano.

Mas, ainda que a moagem da safra 2015/16 de cana tenha começado antecipadamente no Centro-Sul Brasil (o que ajuda a inflar a oferta mais imediata da commodity), iniciou-se também um movimento de correção nos preços do açúcar. Os fundos reagiram a essa mudança de direção e reduziram as apostas baixistas: na semana terminada em 14 de abril, a posição líquida vendida totalizou 82.968 contratos, 29% aquém do pico do fim de março.

O arrefecimento da moeda americana impõe ritmo menos acelerado às negociações e abre brechas para repiques de preços. Entretanto, nem isso nem a maior confiança dos investidores parece suficiente para garantir uma alta mais sustentada, uma vez que o cenário ainda é baixista do lado dos fundamentos. O reflexo dessa pressão aparece na queda de 12,7% que a commodity ainda registra no acumulado de 2015.

O clima está favorável aos canaviais de Brasil e Índia (segundo maior produtor global), o que engrossa as expectativas de oferta global abundante. Nesta safra internacional 2014/15, a expectativa da Organização Internacional do Açúcar (ISO) é de superávit de 600 mil toneladas. Para a nova temporada, que começará em outubro, as perspectivas são de pequeno déficit ou estabilidade, mas os estoques estão bastante elevados.

No Brasil, a moagem de cana do ciclo 2015/16 já começou. Até 1º de abril (data oficial do início do ciclo no país), o Centro-Sul do país já havia processado 5,42 milhões de toneladas de cana, 44,2% mais que no mesmo período do ano anterior, de acordo com dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

Além da produção que volta a irrigar o mercado, a desvalorização do petróleo desde meados do ano passado diminui a competitividade do etanol e pesa sobre os preços do açúcar, que tende a ser mais ofertado. Mas o recente aumento da mistura de etanol no Brasil, de 25% para 27%, pode ajudar a equilibrar o mercado.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Sílvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria

oppa Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa